

Há quatro décadas, médicos, enfermeiros e pacientes vivem diariamente momentos de dor, felicidade e esperança no maior hospital do Distrito Federal. Uma luta incessante entre vida e morte, céu e inferno

Corredores, macas e histórias

MARCELO ABREU
DA EQUIPE DO CORREIO

Pelos gigantescos corredores do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), circulam mais que macas e tubos de soros. Está impregnada uma história na

memória de gente que fez dali sua referência. Gente que viu aquele lugar crescer. Gente que viu gente morrer. Gente que viu muita gente sobreviver.

Há histórias de gratidão. Gente que dali saiu para o re-nascimento. E até hoje agradece pelo milagre da vida. Há tam-

bém quem ainda esteja lá, todos os dias. Administrando caos, dor e esperança.

No HBDF, mais que gente de jaleco branco e gente desesperada atrás dessa gente de jaleco branco existem histórias de começo, fim e reencontros. Sensação de dever cumprido, para

quem dali saiu. De muito para cumprir, para quem ainda está ali. É de prazer em acordar e sentir que a vida ainda escorre pelos sentidos, para quem nesse lugar encontrou a cura.

O Correio conta hoje a história de quatro pessoas que, em comum, tiveram suas vidas en-

trelando no mesmo lugar. E como cada uma seguiu. Um médico pioneiro, um enfermeiro começando a carreira, uma atendente extraordinária que ali chegou quando tudo aquilo era de madeira. E uma paciente que há 13 anos ganhou um rim que lhe salvou da morte.

Caos e esperança. Morte e vida. Céu e inferno. Dor e contentamento. Tristezas e muitas alegrias. Pelos corredores do maior hospital do DF, vê-se tudo isso. E que bom que ainda existam pessoas que possam nos contar histórias que só elas conhecem...

LEMBRANÇAS GUARDADAS PARA SEMPRE

Fotos: Carlos Vieira/CB

Recordações de um médico

Ele chegou ao Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) em setembro de 1960. Era um jovem pediatra carioca voltando dos Estados Unidos, depois da residência. Oscar Mendes Moren, de 75 anos, casado, pai de duas filhas, hoje aposentado, fez do HBDF a sua própria história. Talvez a sua melhor e mais engrandecedora história.

Foram três décadas à frente da chefia da unidade de pediatria do hospital. "A despeito das circunstâncias, acho que em parte me realizei aqui dentro. Acho que fui feliz", diz. E emenda, desolado com o atual momento por que passa a instituição: "Esse hospital é um herói injustiçado, esquecido e vítima de grupos com interesses escusos e maus políticos. Só voltará a ser o que era se assumir a vocação para ser terciário, a referência de saúde do DF".

Nos 31 anos em que lá esteve, Moren implantou a unidade pediátrica do HBDF. "Quando cheguei, não havia sequer instalação sanitária para criança. Não havia cirurgião pediátrico, nem patologista. Criamos especialidades infantis", recorda-se.

Depois, Moren começou a perceber que não bastava curar a apenas a pneumonia, por exemplo: "Era preciso acabar com o trauma do hospitalismo, o que de ruim a internação cau-



CHEFE DA UNIDADE DE PEDIATRIA DURANTE 31 ANOS, OSCAR MOREN RETORNOU AO HOSPITAL NA ÚLTIMA SEXTA-FEIRA: "ME REALIZEI AQUI DENTRO. ACHO QUE FUI FELIZ"

sava nas crianças. Foi aí que surgiram os serviços voluntários. Lembro-me de que até o Ney Matogrosso, que era funcionário administrativo do hos-

pital, por conta própria, quis ser praxiterapeuta (*que brinca com crianças*).

Todas essas lembranças, realizações e evolução da pediatria

do HBDF fazem parte do livro *História da Unidade de Pediatria do Hospital de Base*, escrito por ele e publicado em 1999. Na sexta-feira, Moren voltou, a pedido

do Correio, ao hospital onde viveu por mais de três décadas.

Ao cruzar os corredores, ouviu pessoas chamarem seu nome. Pedirem a sua volta. Tentou

até esconder, mas a emoção, estampada nos olhos umedecidos, o traiu: "Se eu faria tudo de novo? Faria. Não sou saudoso...",



ANGELINA TRABALHOU DURANTE 30 ANOS: CONHECIDA POR TODOS



ROBERTO COMANDA A ENFERMARIA DA EMERGÊNCIA: DESAFIOS DIÁRIOS



FRANCILÉIA CONSIDERA O HOSPITAL DE BASE COMO A SUA TERCEIRA CASA

A eterna funcionária

Ela é pura alegria. Sorriso cativante e conquistador. Sorriso de gente que é feliz. Maria Angelina da Conceição Silva, baiana de 76 anos, é a cara do Hospital de Base. Falar dele e não citá-la é, no mínimo, não contar a verdadeira história daquele lugar.

No dia 26 de junho de 1960, ela chegou ao setor de esterilização. Missão: preparar e esterilizar seringas, agulhas, bisturis, enfim, todo material cirúrgico do hospital. E cumpriu a tarefa por longos 30 anos. "Naquela época, a gente cortava e embrulhava as gaves. As seringas eram todas de vidro. Hoje, tá mole, tudo na boa. Tudo descartável", diz ela, às gargalhadas.

E a cada dia Angelina fazia o que melhor sabia. Assistiu ao hospital crescer. Conheceu todos os médicos, enfermeiros, porteiros. O parto da única filha foi feito pelo primeiro diretor da

instituição, Aristóteles de Lima.

Em 1990, aposentou-se. Ficar em casa? Nem pensar. Ofereceu-se para lavar a batina do padre Brusco, o primeiro capelão do hospital. E levava a roupa do padre para a casa, na 708 Sul. Anos depois, padre Brusco morreu, mas ela não deixou de ir ao hospital. "Dia sim, dia não, tô aqui. Venho ajudar quem precisa", revela.

Por onde passa, Angelina é reconhecida. As pessoas a chamam de tia. Abraçam-na. Num momento de emoção, olhando os lugares que conhece como ninguém, deixa escapar: "Meu filho, a minha vida está aqui. Fui tombada por este lugar. Só deixarei de vir quando partir dessa. E eu não vou partir agora". E avisa, com um sorriso escancarado: "No aniversário dos 50 anos do hospital, vou tá aqui. Anota ai no seu bloquinho..."

A luta do enfermeiro

Há três anos, a emergência do Hospital de Base é a casa dele. O enfermeiro Roberto Andrade, brasiliense de 36 anos, comanda a enfermagem do pronto-socorro da maior referência de saúde pública do Distrito Federal. Os desafios são diários. "É um dia-a-dia estressante. Não é fácil lidar com a falta de espaço, falta de material e pessoal", admite.

Mas nem por isso Roberto pensa em desistir. "Tenho colegas que não aguentaram e pediram exoneração. Aqui, na emergência é a porta de entrada onde chega o caos. Todos os dias, toda hora", diz. Sob seu comando, estão 186 profissionais. Em média, 400 atendimentos numa só manhã. O corre-corre é constante. A triagem tem que ser precisa. "Apesar de todos os contratempos, aqui é um bom lugar para se trabalhar. Na ver-

dade, é um desafio sem fim. Nunca acaba", constata.

Casado, pai de dois filhos, morador do Cruzeiro, Roberto sonhou em exercer a medicina de forma diferente. Com condições mais razoáveis para o trabalho. "Sou feliz, achava que poderia fazer mais e melhor, mas tenho feito o que posso", reconhece.

Sobre o inchaço e estrangulamento do hospital, o enfermeiro acredita que o problema só será solucionado quando existirem outros hospitais terciários — referência em atendimento especializado, como politraumatologia e oncologia, por exemplo.

"Brasília cresceu. A estrutura do hospital não suporta mais a demanda", diz Roberto, no meio de uma emergência lotada, tendo que resolver mais um dos milhares de problemas diários. Tendo que salvar vidas.

No terceiro andar do Hospital de Base, no Setor de Transplante, estão as melhores recordações da dona-de-casa Franciléia Lima de Assis, maranhense de 34 anos. Foi lá que sua vida começou a mudar. Foi lá que o recebeu o rim que lhe salvou da morte. "Em 1990, fiquei aqui oito meses internada. Minha irmã me doou um rim. Em 1991, os médicos fizeram o transplante", conta.

De lá pra cá, 13 anos depois, Franciléia redescobriu a alegria de viver. Primeiro engravidou. O filho hoje tem 9 anos. "Ele é a razão da minha vida", reflete. Para a moça que estava condenada à morte caso não realizasse o transplante, todas as coisas assumiram um aspecto mais importante.

"Até brincar com o filho é uma festa", diz ela, com a voz embargada. E num agra-

decimento emocionado, admite: "Aqui é a minha terceira casa. A primeira é a minha, onde moro com meu filho. Depois, a igreja evangélica que frequento. Agora, o Hospital de Base".

A única coisa que Franciléia não gosta é de ver pessoas fazendo hemodiálise, condensadas a um aparelho que, ao mesmo tempo que ajuda, debilita física e emocionalmente. "Durante dois anos e oito meses vivi presa a uma dessas máquinas. É a pior coisa que uma pessoa pode enfrentar. É horrível ter sede e não poder beber água para não acordar inchada no dia seguinte..."

Consciente da nova vida, Franciléia só pensa numa coisa: viver. Viver integralmente. "E ver meu filho crescer e virar médico. Mas ele já me disse que quer ser bombeiro..."